



CULTURESE

BOLETIM DE DIVULGAÇÃO CULTURAL DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA

Edição 93

06 de dezembro de 2016 a 16 de janeiro de 2017
Organização: Conselho Pedagógico da Escola Superior de Lisboa

EDITORIAL

Bem-vindos à última edição do *CulturESE* de 2016! Este é um número especial, não devido à época natalícia, mas pelo facto de ser composto por sugestões de eventos que os alunos do novo curso de Mediação Artística e Cultural da ESELx selecionaram e apresentaram propositadamente para esta edição. Fazendo jus ao carácter abrangente e pluridisciplinar da sua futura profissão, o leque de eventos proposto por estes alunos compreende diversas áreas artísticas e culturais, desde o teatro, a música, a pintura e o desenho, o cinema, o bailado. Assim, através deste guia citadino, poderemos apreciar música barroca para órgão, deambular pelos jardins japoneses de Kyoto, ficar enfeitados pelos costumes nómadas, deixarmo-nos “desorientar” por arte contemporânea, visitar histórias da nossa infância. Parabéns, por conseguinte, a todos estes alunos pelo seu trabalho e dedicação!

Na rubrica intermitente, mas não menos constante, “Há mais vida para além da ESE”, recomeçamos as nossas entrevistas, dedicadas, este ano letivo, a professores e antigos alunos da escola. Ana Isabel Silva e Marta Abreu Silva começaram, por isso, por entrevistar a Profª Manon Marques, professora de música e canto, tanto na ESELx como na Escola Superior de Música e Dança, além de cantora no coro Gulbenkian. Foi um prazer entrevistá-la e ouvir as suas refrescantes e inesquecíveis gargalhadas, que, de certo modo, também perpassam pelas suas palavras. Por fim, agradecemos a participação do Profº Alfredo Dias que, na rubrica “Sugestão”, nos vem falar de um reencontro literário. Quanto a nós, reencontramo-nos em janeiro do próximo ano, com o desejo de voltar a encontrar em 2017 tudo o que tornou 2016 extraordinário.

BOAS FESTAS, BONS ESPETÁCULOS!

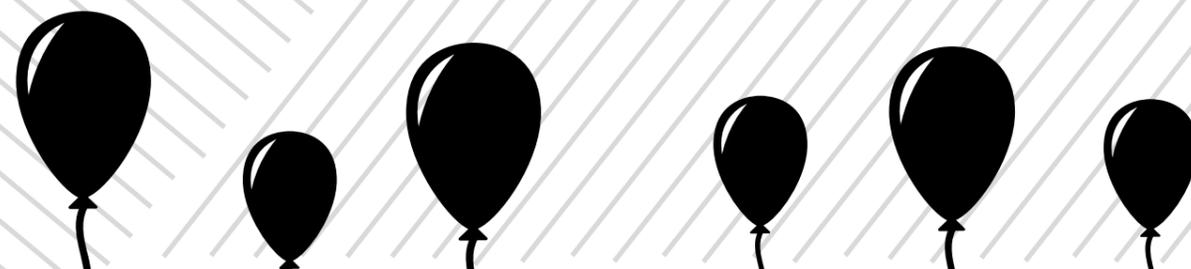
EVENTOS NA ESELX



CENTENÁRIO

EFEMÉRIDE
Celebração dos 100 anos da
construção da ESELx
12 de dezembro | 14h00

Para assinalar este momento, a Escola Superior de Educação de Lisboa contará a visita de Sua Excelência, o Presidente da República Portuguesa, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, e do Presidente do Instituto Politécnico, Professor Elmano Margato.
Entrada livre



EVENTOS

NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

ESPETÁCULO

A Escola Superior de Dança de Lisboa tem o prazer de apresentar um conjunto de 3 espetáculos que decorrerão nas instalações desta escola durante o mês de dezembro. Quem já assistiu a criações artísticas realizadas pela ESD sabe que poderá contar com espetáculos de grande qualidade e originalidade. As entradas são livres.

Raw but silent | ESD | Átrio
14/15 de dezembro | 19h00
Trabalho orientado por Bruno Duarte.

Criações I | ESD | Átrio
16 de dezembro | 13h00
Trabalho orientado por Fernando Crêspo.

Cocriações | ESD | Átrio
16 de dezembro | 17h00
Trabalho orientado por Madalena Xavier



TEATRO

Um Conto de Natal | Charles Dickens |
Teatro da Terra | Sala Eça de Queiroz
De 28 a 30 de dezembro |
Quartas e Sextas Feiras | 21h30

Um Conto de Natal, escrito por Charles Dickens em 1843, retrata a época natalícia. Adaptado por Ricardo Neves-Neves, chega até nós numa linguagem mais próxima das crianças. Entrará em cena no dia 28 de dezembro.

A história gira em torno do Sr. Scrooge, trabalhador de um escritório em Londres, um homem muito apegado ao dinheiro e que odeia a época natalícia. Numa véspera de Natal, recebe a visita do espírito do seu antigo sócio Jacob Marley. Marley diz-lhe que este não pode descansar em paz, visto que não foi suficientemente generoso durante a sua vida. No entanto, Scrooge poderá receber a visita de três espíritos natalícios que o tornarão numa pessoa melhor. Após a visita dos espíritos, Scrooge percebe os seus erros passados, começa a amar o Natal e a ser generoso com todos os que necessitam de ajuda.

Entra na época natalícia e vem assistir a *Um Conto de Natal*. Uma história mágica que não vais querer perder.

Joana Gomes

Custo: 10€ (preço geral) | [Saber mais aqui](#)

EVENTOS

NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

CONCERTO

VI Ciclo de Órgão | Igreja de S. Vicente
de Fora
Até 10 de dezembro | 17h00

O VI Ciclo do Órgão Histórico da Igreja de São Vicente de Fora é organizado pelo Patriarcado de Lisboa, no âmbito da celebração dos 300 anos da sua criação, e pela editora Althum. As atividades inseridas neste encontro de música barroca permitem que os espetadores apreciem o repertório para órgão dos sécs. XVI, XVII, XVIII.

Os concertos, tocados num órgão de tipologia ibérica, contam com a presença de vários músicos, como por exemplo, Rui Soares, que abriu este ciclo com obras de compositores como Diogo da Conceição, Giovanni Picchi, Bernardo Storace, Gerolamo Frescobaldi, Johann Ernest Everin, Johann Kaparkerll e Pedro Araújo.

O VI Ciclo de Órgão encerra no próximo dia 10 de dezembro, com o organista titular da Igreja de S. Vicente, o músico João Vaz, acompanhado pelo Coro de Câmara da Escola de Música Vitorino Matono, dirigido por Diogo Rato Pombo.

Maria Alexandra Pinto de Almeida

Entrada Livre | [Saber mais aqui](#)

EXPOSIÇÃO

Jardins de Kyoto | Gonçalo San Roman |
Galeria de Arte de Cascais
Até 9 de dezembro | Segunda a Sexta |
9h00-19h00

Gonçalo San Roman inaugurou a 29 de outubro, na Galeria de Arte de Cascais, a exposição individual "Jardins de Kyoto". Este artista abstrato, nascido em Lisboa em 1972 e estudante de pintura e desenho, reúne uma mostra com cerca de 30 trabalhos, que foram iniciados em 2003 após uma viagem ao Japão. A exposição retrata as quatro estações do ano: Haru (Primavera), Natsu (Verão), Aki (Outono) e Fuyu (Inverno), revelando, desta forma, as metamorfoses paisagísticas e os distintos festivais ou eventos sazonais japoneses, que ocorrem neste país em datas específicas do ano. Venha viajar por esta natureza imaginada, repleta de sons, cores e cheiros, e descobrir as sensações que despertam os fenómenos naturais. A não perder até dia 9 de dezembro.

Rita Rosado

Entrada Livre | [Saber mais aqui](#)



EVENTOS

NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

EXPOSIÇÕES

Desorient Express |Bela Silva
Museu do Oriente |Espaço museológico
da Presença Portuguesa na Ásia
Até 31 de dezembro |
De terça-feira a domingo |10h-18h

No Museu do Oriente, a exposição “Desorient Express” apresenta 10 obras de cerâmica contemporânea da autoria da artista Bela Silva.

A artista Bela Silva estudou nas escolas de Belas Artes do Porto, Lisboa e Norwich, bem como na Ar.Co e no Art Institute of Chicago. Entre as suas obras de maior relevo, destacam-se peças de arte pública, como os painéis de azulejo da estação de metro de Alvalade, em Lisboa.

Esta exposição pretende dar a conhecer a extravagância das obras de Bela Silva e produzir no espetador uma certa desorientação, dando-lhe novas capacidades de perceção da arte. Convida-o a fazer uma fantástica viagem em todas as direções, sem bússola, sem mapa e sem destino, para observar o Oriente reconfigurado pelo mundo original e único das peças de Bela Silva.

Jorge Sousa

Entrada livre | [Saber mais aqui](#)

FESTIVAL

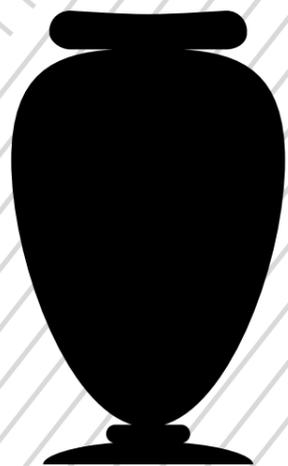
Temps d'Images Lisboa |
14º festival de artes em movimento
| Locais vários | Até 10 de dezembro
2016| Horários vários.

Em 2016, regressa à capital o festival “Temps d'Images Lisboa” que junta 23 artistas em 14 espaços, 15 espetáculos, 10 estreias absolutas e 2 apresentações exclusivas em Portugal. Decorre até 10 de Dezembro e conta com um conjunto de eventos que pretende reunir projetos de experimentação e inovação artística, tais como vídeo-instalações, cinema, encontros com artistas e muito mais. Este festival promove a criação e apresentação de novos projetos, bem como a divulgação de trabalhos de novos artistas.

O “Temps d'Images Lisboa” nasceu em 2003 devido à necessidade de apoiar a criação artística contemporânea e os seus criadores. Aproximar os artistas, programadores e agentes culturais, conquistar espaços para a apresentação de trabalhos inovadores e novos projetos foi também um importante parâmetro a atingir por parte dos fundadores.

Beatriz Passos

Custo: preços vários | [Saber mais aqui](#)



EVENTOS

NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

EXPOSIÇÕES

Obras para a Televisão (1964 - 1997) |
Jef Cornelis| Culturgest| Lisboa
Até 8 de janeiro| Terça-feira a sexta-feira
11h00 - 18h
Sábado, domingo e feriados| 11h às 19h

Na Culturgest, está patente ao público até ao dia 8 de janeiro, a exposição de vídeo/multimédia, do artista Jef Cornelis, nascido a 10 de junho de 1941 na Bélgica. Este estudou na Academia de Cinema em Amsterdão; após a sua graduação em vídeo/multimédia, trabalhou como realizador para a televisão pública flamenga **VRT**, desenvolvendo, em simultâneo, um trabalho composto por mais de 200 filmes. Setenta destes filmes encontram-se agora em exposição (todos legendados em inglês). **Obras para a Televisão (1964 – 1997)** consiste na apresentação de alguns filmes realizados por este cineasta belga, organizados por ordem cronológica. O espetador poderá observar individualmente cada filme, tendo ao seu dispor uma diversidade de temas (artes visuais, literatura, teatro, arquitetura, urbanismo) e uma variedade de questões sociais e políticas que marcam a atualidade. O cineasta aborda as relações entre arte e política, como a arte pode ser posta ao serviço da política, e, por outro lado, como o poder político pode atuar de forma censória quando vê na arte uma ameaça.

Juntamente com a apresentação dos filmes de Jef Cornelis, são apresentados ainda diversos cartazes criados por Marcel Broodthaers, Daniel Buren, James Lee Byars e Panamarenko, os quatro artistas que têm presença destacada em vários dos seus filmes.

Marta Estrada

Entrada: 2€ (entrada gratuita aos domingos) | [Saber mais aqui](#)



EVENTOS

NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

BAILADO

Lago Dos Cisnes | Pyotr Tchaikovsky | Russian Nacional Ballet | Centro Cultural de Belém | Grande Auditório
10 e 11 de dezembro |
21h00 (Dia 10) | 11h00 (Dia 11)

Dia 10 e 11 de Dezembro, a companhia “Russian Nacional Ballet” apresenta *O Lago dos Cisnes*, acompanhada da música de Pyotr Tchaikovsky. Este bailado estreou-se a 20 de Novembro de 1877, no Teatro Bolshoi de Moscovo. No entanto, só em 1989 a companhia “Russian Nacional Ballet” foi fundada pelo solista Sergei Radchenko, tendo sido, a partir daí, a rampa de lançamento para a criação de um repertório privilegiado de bailados clássicos por todo o mundo. O Lago dos Cisnes conta a história de um jovem príncipe que se apaixona por uma bela jovem que está sob o efeito de um feitiço que a transformou em cisne. Ambas as personagens vivem um amor impossível e mágico até se quebrar o feitiço. Não deixem escapar a grande oportunidade de assistir a um dos mais grandiosos bailados de toda a história, pois irão ficar fascinados e deslumbrados com a magia e a beleza presentes em palco.

Daniela Silva

Custo: preços vários | [Saber mais aqui](#)

CIRCO

Cirque du Soleil | Varekai | Guy Laliberté
| Parque das Nações | Meo Arena
Até 15 de janeiro | Horários vários

O Cirque du Soleil vai voltar a Lisboa com um dos mais belos e comoventes espetáculos até agora apresentados. Nascido em 1984 com apenas vinte artistas, o Cirque du Soleil é hoje a maior companhia de entretenimento artístico de alta qualidade do Mundo. Apesar de este circo estar sediado no Canadá, já apresentou os seus espetáculos em diversos locais e conta com artistas de toda a parte. *Varekai*, que significa “em qualquer lugar” na língua romani, agora na sua mais recente versão, representa uma homenagem ao espírito nómada dos ciganos, à alma e à arte da tradição do circo. Esta é a história de uma aventura por uma cativante e misteriosa floresta no interior de um vulcão, habitado por criaturas excêntricas e encantadoras, onde cai dos céus um jovem solitário, num mundo em que tudo é possível. Neste espetáculo, o público é capaz de observar, entre inúmeras atuações, “Flight of Icarus” (contorcionismo), “Russian Swings” (acrobacias aéreas) e “Slippery Surface” (corpo humano usado como alavanca de saltos numa superfície que cria a ilusão de um ringue de patinagem). Desta forma, o Cirque du Soleil reinventa as artes circenses, combinando vertentes artísticas distintas. Aqui fica uma boa sugestão para as férias.

Rita Martins

Custo: preços vários | entre 37€ a 80€ |

[Saber mais aqui](#)



HÁ MAIS VIDA PARA ALÉM DA ESE

ENTREVISTA COM A PROFESSORA MANON MARQUES

Como surgiu o seu interesse pela música?

Eu cresci num ambiente muito musical em casa, através do meu pai. O meu pai era violoncelista, pianista, compositor, cantor, e era um homem muito ligado às artes e também à matemática, à literatura, às invenções. Era uma pessoa muito completa. Tinha piano em casa, tinha o meu pai que escrevia canções para mim. A música era uma segunda linguagem entre nós e também uma forma de estarmos juntos. Íamos na rua e cantarolávamos, com o nome das notas, o *Papagaio loiro* e outras canções. De facto, eu cresci nesse ambiente, nesse meio musical. Depois, curiosamente, quando eu estava no pré-escolar, chegou a certa altura uma professora de piano que foi fazer umas provas aos meninos para ver quem é que seria selecionado para ter aulas de piano com ela. Eu não fui selecionada (risos). Os meus pais ficaram muito indignados e admirados, dizendo: “Como é que é possível, ela é a única que toca e não é selecionada?!”. Foram então falar com a professora, que acabou por me aceitar. Foi assim que começou. Depois, tive uma formação que passou por várias escolas particulares, com professores particulares de piano. E, mais tarde, a partir dos dez anos, comecei a estudar no Instituto Gregoriano de Lisboa.

Qual foi o seu percurso académico?

Frequentei o Instituto Gregoriano de Lisboa a par com a frequência da escola. Houve momentos em que foi bastante difícil conciliar as aulas de piano com as outras aulas por questões de horário. Tive também um professor de piano que achava que eu me devia dedicar totalmente ao piano e, isto, para os meus pais, era muito mal visto, porque a escola estava em primeiro lugar. Eles queriam que eu tocasse e que a música estivesse presente na minha formação, mas não que fizesse da música uma carreira. E onde vim eu parar, não é? (risos). Entretanto, deixei a música durante uns dois ou três



anos. Zanguei-me, andava frustrada. Mas, um dia, uma amiga disse-me: “Vão fazer a *Nona Sinfonia* de Beethoven e precisam de elementos para reforçar o coro. Tu não gostavas de participar?”. Eu também já tinha cantado em coro na minha formação. E fui. Foi logo uma primeira experiência com um concerto para a televisão, em direto. Acho que foi este concerto que me fez sentir o desejo de voltar. Percebi que tinha tido uma formação prática muito forte, a nível instrumental, de formação musical, de canto, e que gostava de ter conhecimentos mais teóricos, de acústica, de história da música... Por isso, mudei de curso e fui para o curso de Ciências Musicais. Acabei o curso e senti que era muito teórico e que precisava de algo mais prático (risos). Fui então fazer o

HÁ MAIS VIDA PARA ALÉM DA ESE

curso de Formação Musical, na Escola Superior de Música, e fiz o mestrado também em Formação Musical. Paralelamente, a minha carreira artística, por assim dizer, desenvolveu-se muito mais como cantora. A minha ocupação principal fora da ESE é como cantora no Coro Gulbenkian. Trata-se de uma atividade diária muito intensa, sempre.

Tem ensaios diários?

Sim, de segunda a sexta, das 18h30 às 20h45, depois do dia todo a trabalhar.

Não para nunca?

Não. Às vezes, há ensaios das 18h às 21h e depois das 21h30 às 23h. Também acontece quando há muito trabalho. Eu também estou em muitos programas, em quase todos os programas que a Gulbenkian faz.



Só o gosto pelo que faz é que lhe permite ter esse horário diário tão intenso, não é?

Sim, depois também tenho a sorte de encontrar lá um espaço de trabalho que dificilmente poderia desenvolver noutros contextos: um trabalho com orquestra, um trabalho *a capella* com grupos mais pequenos, com pessoas que têm muita experiência e que são muito bons cantores, um trabalho com maestros internacionais. É um conjunto de variáveis e de circunstâncias que me faz muito querer estar lá. O grupo sinfónico tem cerca de cem pessoas, mas há grupos mais pequenos consoante o repertório; tudo depende muito do tipo de peça e de orquestra.

E que outros projetos desenvolve para além do trabalho na Gulbenkian e das funções que desempenha na Escola Superior de Música e na Escola Superior de Educação?

Como cantora, integro alguns *ensembles*, grupos vocais, alguns dos quais fui também cofundadora, que se dedicam à música das mais variadas épocas. Faço parte de um grupo que, neste momento, está praticamente em *stand-by*, porque tudo depende muito do mercado: aparecem concertos, não aparecem, há festivais, não há... É o grupo *MediaeVox Ensemble*, com cinco cantoras, no qual, além de cantar, toco sanfona. Tenho uma réplica das sanfonas medievais, feita com base nas iluminuras das *Cantigas de Santa Maria*. Nós fazemos música medieval. É um nicho muito específico de trabalho. Os espetáculos normalmente são inseridos em festivais, e a maior parte é fora do país, em Espanha, em França, em Itália, etc. Portanto, é preciso saber onde se realizam esses festivais e fazer as propostas. O público, em geral, reage muito bem. Dizem: “Isto foi uma meditação”, e ouvem-nos de olhos fechados, porque a música transporta-nos também para um universo diferente. Depois, integro outro grupo que é dirigido pelo Maestro Pedro Teixeira, o *Officium – Ensemble Vocal*, de música do Renascimento, polifonia portuguesa. É um agrupamento um pouco maior; temos, por naípe, três ou quatro cantores. Numa participação

HÁ MAIS VIDA PARA ALÉM DA ESE

mais intermitente e irregular, canto com o ensemble *Voces Caelestes*, dirigido pelo mestre Sérgio Fontão, e cujo número de participantes também é variável; depende muito da peça, daquilo que é pretendido, mas, em termos de repertório, já é algo muito mais eclético e abrangente. Depois, surgem muitos concertos de participação *ad hoc*: é preciso alguém para cantar aqui e ali, e vamos. Também tive outros projetos pontuais. Por exemplo, um, dirigido pelo meu marido, Luís Almeida, *Capella Mundi*, de música contemporânea, algo que me agrada muito. Éramos um octeto vocal.

O que a levou a fundar estes grupos corais de que falou há pouco?

Acho que o primeiro ponto é o gosto pelo repertório. Podemos fazer a diferença com um grupo que faça este tipo de repertório pouco habitual, o da música medieval ou do Renascimento, com este tipo de instrumentos. Isso é uma motivação. E também a vontade de fazer música com colegas, com amigos, com pessoas com as quais temos uma linguagem que também é exterior à música. É maravilhoso estar com um grupo de pessoas com o qual nos damos bem e termos oportunidade de fazer música juntos, de fazer disso a nossa vida: ser capaz de vender concertos, de apresentar as nossas interpretações.

E o que a levou a enveredar pela área do ensino e a não ter ficado somente pelas performances musicais, que são bastantes, como já constatamos, e que lhe ocupam bastante tempo? Como é que o ensino surge na sua vida?

Tive um convite. Foi um convite do professor Francisco Cardoso, meu professor na altura e meu colega agora, quando eu estava no final do meu primeiro ano da licenciatura em Formação Musical. Ele veio ter comigo e perguntou-me se eu conhecia o curso de Música na Comunidade. Eu já tinha ouvido falar, sabia que existia o curso na escola, mas nada mais do que isso. Ele disse-me: “Estamos a precisar

de um professor para dar a disciplina de Educação Auditiva, e eu acho que tu eras a pessoa ideal”. E eu respondi: “Ai, não, não, nem pensar. Estou agora a começar este curso”. Ele insistiu, e ainda bem que insistiu, não é? E assim comecei com duas ou quatro horas no primeiro ano. Isto foi há cerca de sete anos. E foi uma fase muito conturbada, porque era aluna e também era professora. Saía de uma aula que eu acabava de dar e ia eu ter uma aula a seguir. Era aluna e colega dos professores, estava em reuniões com professores... Foram anos de muito trabalho, principalmente quando estava a fazer o mestrado, porque, mais tarde, integrei a equipa de coordenação do curso de Música na Comunidade, que é hoje a minha grande paixão. Esta perspetiva comunitária da música, às vezes, é um bocadinho esquecida num contexto puramente académico. Por exemplo, o trabalho com um instrumento é um trabalho muito técnico e muito solitário: eu e o meu instrumento. E importa lembrar que a música é feita por pessoas para pessoas, e que, enquanto arte, tem essa função transformadora dos outros, da sociedade.

A música não está confinada às salas de concertos; estes alunos do curso de Música na Comunidade podem fazer a diferença noutros contextos.

Sim, claro. Aqui, na escola, há alunos maravilhosos. Por um lado, contactar com estes alunos e, por outro lado, ter a oportunidade de chegar a comunidades desfavorecidas que habitualmente não têm acesso à música, idosos, pessoas com problemas mentais, crianças em contextos desfavorecidos; poder levar lá uma apresentação, fazer um trabalho conjunto ou levar os alunos que estão em estágio é de facto maravilhoso... mesmo. Obrigada, Professor Francisco Cardoso, não é? (risos). Cada vez mais sinto que este curso ganha força e que faz todo o sentido e que precisamos de investir na ideia de que só vale a pena fazer música se a música chegar realmente às pessoas.

HÁ MAIS VIDA PARA ALÉM DA ESE

E agora está no novo curso de Mediação Artística...

Começou agora. Leciono Teoria das Artes e, de facto, estou a trabalhar também aqui com um grupo de alunos que é muito diferente do grupo de alunos com o qual trabalho musicalmente. Estes alunos, de alguma forma, têm uma relação com as artes, mas são claramente um grupo diferente, com as suas características próprias. Também é interessante para mim pensar, e tenho pensado muito sobre isso, como é que posso apresentar a música sem que seja vista como uma atividade para uma elite. Aquilo que eu oiço, em geral, é: “Eu não percebo nada de música, eu não sei cantar, a música não é para mim”. E, por cá, há esta ideia de que só pode fazer música um nicho de pessoas que se fartaram de estudar ou que têm um dom ou um talento muito especial. E, de facto, eu penso exatamente o contrário; a música é do povo. Isto não invalida, naturalmente, que seja ótimo que as pessoas estudem e se formem e consigam tocar com um nível técnico exímio, mas todos nós somos potencialmente músicos, e é muito importante lembrar isso.

Ao lecionar unidades curriculares frequentadas por alunos de cursos distintos, calculo que tem a oportunidade de observar os alunos desses cursos a interagir entre si, o seu comportamento. O que retira dessa experiência?

Eu adoro isso (risos). Eu adoro observar e perceber como é que são os grupos, como é que são as pessoas, o que é que elas trazem, a dinâmica do grupo, aquilo que o grupo é numa aula e depois noutra a seguir, e como cresce... A riqueza que essa diversidade traz... Em Música na Comunidade, é muito variável: há aqueles que têm o curso do Conservatório completo, há aqueles que já fizeram outro curso superior, há mais velhos, há mais novos, há os autodidatas. É maravilhosa essa vivência, essa riqueza. Perceber que estamos ali todos juntos, mas viemos de caminhos diferentes. Já os

alunos de Composição, ou de Instrumento, ou de Mediação Artística... cada um destes grupos tem o seu perfil psicológico próprio, há mais semelhanças dentro de cada área.

Como é que é possível harmonizar um horário tão preenchido com aulas, com os vários grupos de que faz parte e de que também é fundadora, sobretudo quando tem de ir a festivais também no estrangeiro?

É viver o dia a dia (risos). A principal questão é com a família, principalmente porque o meu marido também é músico, também trabalha muitas vezes à noite, tem ensaios.... Este é o primeiro ano em que os meus filhos ficam sozinhos em casa. O mais velho já tem treze e a mais nova tem sete. Mas é maravilhoso, porque nos dias em que eu chego a casa e vou a pensar: “Como é que eles estão, a casa deve estar toda de pantanas...”; afinal, eles lavaram a loiça, fizeram o jantar, tomaram banho,



HÁ MAIS VIDA PARA ALÉM DA ESE

vestiram o pijama... São só surpresas: “Mãe, arrumamos isto, arrumamos aquilo”. Muito amigos, e eu penso: “Isto é maravilhoso”.

Às vezes, é um problema conciliar tudo e ter energia para, depois de um dia de reuniões na escola, de aulas, de mais 2h30 de ensaio, chegar a casa e encontrar disponibilidade para a família. Às vezes, sinto que são os meus alunos que levam o melhor de mim. Quando chego aos ensaios da Gulbenkian, a vontade é descansar, e não posso, é o início de um novo trabalho. Quando chego a casa, passa-se a mesma coisa; penso que me apetecia descansar um bocadinho, mas não é possível, porque tenho uma casa para cuidar, tenho aulas para preparar para o dia seguinte, os filhos. É cansativo. Mas é muito recompensador trabalhar na área artística. Esta diversidade, o contacto com os alunos, o *feedback* deles, esta integração toda. Isso também me alimenta muito e dá-me ânimo para continuar. Se bem que muitas vezes pergunto-me se poderia reduzir alguma coisa. É difícil dizer *não*. Agora, estamos a chegar à fase dos concertos de dezembro e de janeiro, e já há novamente um empolgação de poder oferecer o que conseguimos fazer bem, que é oferecer música.

Para além da música e do ensino, tem outros interesses? Escrita? Leitura? Desporto?

Gosto muito de pintura, de escultura, de teatro, de dança. Gosto de ler. Gosto também de culinária. Como estou muito pouco tempo em casa, traz-me muita satisfação poder passar uma tarde com os meus filhos a cozinhar iguarias vegetarianas... Sou vegetariana há quase 20 anos e sou vegan há 5 anos. Tornei-me vegetariana, porque gosto de animais e me faz impressão comê-los, mas também por uma questão ética e pela sustentabilidade do planeta, em geral. A certa altura, não tinha sentido para mim estar a defender aquilo em que acredito

(princípios de não-violência e compaixão) e continuar a comer queijo, sabendo o que está por trás disso. Agora procuro, sempre que possível, incluir-me em algum ativismo. É importante dar a conhecer que existem outras opções e que são opções boas, ou seja, que os vegetarianos não comem só alface. É, de facto, uma alimentação muito saborosa e muito diversificada.

O que gostaria, ainda, de fazer no futuro?

(Risos) Ainda ontem à noite estive a refletir sobre isso com o meu marido. Ambos desejamos afastar-nos da cidade e do seu ritmo louco...

Mas interessa-me também explorar a ligação entre a voz e o ser humano. A voz é o reflexo das nossas vivências, da nossa forma de ser. Diz-se que a voz é o espelho da alma.... Imagino-me a fazer terapia através do canto, trabalhar a voz a partir da componente humana, a facilitar processos de autoconhecimento através da voz, da respiração, do corpo. Trabalhar através da música, mais especificamente do canto, para chegar às pessoas. Isso é absolutamente fascinante.

Entrevista realizada por Marta Abreu Silva e Ana Isabel Silva

SUGESTÃO

REENCONTRO COM ISABEL ALLENDE

Longe vão os anos em que visitei a **Casa dos Espíritos**, e relembro o fascínio que aquela história exerceu sobre mim, quando ainda estavam vivas as feridas deixadas pelo golpe militar que derrubou o governo legítimo de Salvador Allende, em 1973. À sua morte, a 11 de setembro, no dia em que “choveu em Santiago”, seguiu-se a tirania de Pinochet. Hoje é apenas mais uma das muitas ditaduras que a História regista nos seus mais negros capítulos, mas as páginas de Isabel Allende, naquele que foi o seu primeiro romance, ainda hoje ressoam dentro de mim. Seguem-se outros romances, **De Amor e Sombra**, que me foram deixando sempre um rasto de prazer pelas letras inventadas e de angústia pelos acontecimentos vividos em épocas sombrias.

Nos seus romances, Isabel Allende oferece-nos sempre esta teia que o amor proporciona em tempos de repressão e resistência, de luta por uma causa ou, tão simplesmente complexo, por um amor. Mesmo quando percorremos a sua versão da vida de **Zorro**, somos confrontados com esta arte de saber contar uma história, sempre repleta de sentido e de significado.

Há poucas semanas, alguns anos depois de ter contactado pela última vez com as letras de Isabel Allende, fui desafiado por uma jovem amiga a ler O Caderno de Maya. E mais uma vez se abriu a porta a um mundo em que o amor e o lado mais negro da vida aparecem como parte integrante de cada um de nós. Entre Los Angeles e a ilha de Chiloé, encostada ao rendilhado litoral chileno banhado pelo Pacífico, Maya viveu entre o amor da sua Nini e do seu Popo e os sombrios meses em que se perdeu no submundo daquela grande cidade norte-americana.

Mais do que a simples história de uma adolescente, **O Caderno de Maya** é a realidade do testemunho inventado, de como a perda de quem se ama nos pode transformar no nosso próprio abismo, conduzindo-nos ou à destruição da nossa dignidade ou ao refúgio que nos permite o reencontro com o nosso ser mais profundo.

Esta é, para mim, uma das características das grandes personagens criadas por Allende. A complexidade do que somos não se compadece com o olhar linear de quem nos julga sem se preocupar em compreender. Provavelmente, porque todos somos filhos de uma perda e de um reencontro. E eu, nestes últimos dias, reencontrei Isabel Allende.

Alfredo Dias

COMISSÃO EDITORIAL

Helena Barroso

Cátia Rijo

Ana Isabel Silva

Marta Abreu Silva

Contacto: culturese@eselx.ipl.pt

Design Gráfico: DesignLab4u

